

NO RIO PARANÁ, DE PÓRTO EPITÁCIO A GUAÍRA

(Relatório de viagem)

PASQUALE PETRONE

O prof. PASQUALE PETRONE, sócio efetivo da A.G.B. e seu atual Secretário-Geral, professor de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia de São Bento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e assistente da cadeira de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, chefiou uma equipe de pesquisadores durante uma excursão realizada pelo Departamento de Geografia da U.S.P. ao longo do rio Paraná, em setembro de 1953.

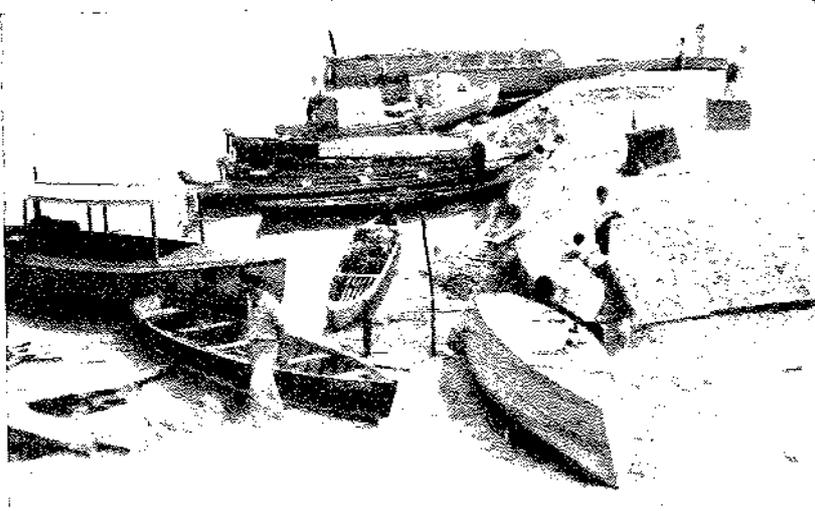
O presente trabalho constitui uma parte das observações realizadas, durante essa excursão, através de uma área geograficamente ainda pouco estudada.

Na primeira quinzena do mês de setembro de 1953, realizou-se a excursão anual do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, ao vale do rio Paraná, sob a direção do prof. João Dias da Silveira. A excursão teve duração relativamente curta, tendo em vista o grande percurso efetuado. Em cerca de dez dias, após ter sido atingido Pôrto Epitácio por ferrovia, foram percorridos aproximadamente 900 quilômetros, entre a ida e a volta, ao longo do rio Paraná, entre o citado pôrto e Guaíra. As interrupções de viagem para efeito de pesquisa não puderam ser muitas e as poucas vezes em que foram possíveis não puderam, em certos casos, ultrapassar uma hora. Torna-se evidente, portanto, que as observações ficaram limitadas pela escassez de tempo.

Os participantes da excursão, 18 ao todo, foram agrupados em três equipes: Geografia Física, Geografia Econômica e Geografia Humana. Da equipe de Geografia Humana participaram os seguintes membros: MARIA CONCEIÇÃO BRANDÃO, LUIZA MARIA LORENA BARBOSA, MARIA THERESA SCHÖRER, IGNACIO NOBUTAKA TAKEDA e PASQUALE PETRONE.

O que se vai ler é parte do resultado do trabalho dessa equipe. É necessário frisar que seus membros dedicaram-se aos trabalhos de pesquisa com muito entusiasmo e extraordinária boa vontade. Se porventura os resultados não corresponderam à expectativa, o demérito, indiscutivelmente, deverá ser atribuído a quem o subscreve, responsável pela equipe.

Em síntese, aqui apresentamos um relatório de viagem e, não, um estudo, no rigoroso sentido do termo. São notas de uma excursão relativamente curta e, portanto, a elas não poderíamos, honestamente, dar uma forma orgânica que espelhasse sua unidade. Como notas de uma equipe de Geografia Humana, ressentir-se-ão, naturalmente, da falta de observações no referente



N. 1 — O movimento de Porto Epitácio é bem um reflexo de sua importância em todo o curso do rio Paraná a montante das Sete Quedas. Na foto um aspecto parcial. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).



N. 2 — O transporte da madeira constitui um dos principais sustentáculos de Porto Epitácio. As "chatas", apropriadas a esta atividade, são inconfundíveis. (Foto I. N. Takeda — setembro 1953).

a uma série de aspectos não pertinentes ao campo específico da equipe. Por fim, aventuramo-nos a apresentar algumas conclusões que julgamos procedentes em face de quanto pudemos apreender (1).

Aspectos paisagísticos das margens do rio Paraná, entre Pôrto Tibiriçá e Guaira. — A primeira impressão de quem, embarcando em Pôrto Epitácio, percorra o rio Paraná até Guaira, é a de um contínuo suceder de paisagens que, pela sua uniformidade, tornam-se monótonas. Entretanto, para quem procure, ao longo do percurso, observar com atenção os fatos e aspectos das áreas marginais, essa aparente monotonia como que se desfaz em função de uma série de elementos que, aqui e ali, contribuem para diferenciá-las. É que, inicialmente, o que mais chama a atenção é o próprio rio: embora em plena vasante, se nos apresentou sempre muito largo, sempre coalhado de ilhas alongadas no sentido do curso d'água, escarpadas e largas a montante, afuniladas, ponteagudas, baixas e arenosas, a jusante; são as extensas praias emergindo poucos centímetros, quando muito um ou dois metros, acima das águas razas; as barrancas, que suportam duas paredes de vegetação arbórea densa, heterogênea, rica em folhagens. As áreas marginais parecem despovoadas. Nada indica a presença do homem ou sua atividade, mostrando-se a região como extensa zona à espera de ser utilizada.

Com parte do percurso efetuado, acostumâmo-nos a observar os pormenores, às vezes aparentemente insignificantes e que, entretanto, bastam para individualizar um trecho de margem, caracterizar um aspecto da paisagem. São as chatas a indicar transporte de gado ou de madeira, barcos denunciadores da presença de habitantes junto ao rio, boias que sustentam linhas e anzóis, recolhidos pelos pescadores no momento oportuno, clareiras nas matas marginais indicando que o homem aí está presente. Particularmente para quem observa voltado para os problemas geográficos, êsses pormenores, às vezes, têm importância fundamental.

Inicialmente, por mais saliente, destaca-se o contraste entre as margens paulista e paranaense, de um lado, e a matogrossense, de outro. As primeiras são relativamente altas, formando barrancas íngremes, com 10 ou mais metros acima do nível da vasante; as segundas, com poucas exceções, não ultrapassam 5 metros e, em muitos casos, formam barrancas de apenas 2 metros sôbre o nível da vasante. É preciso lembrar que, quanto mais nos aproximamos de Guaira, mais baixas tornam-se as barrancas, nas duas margens.

(1) Para os que estiverem interessados na região, convém ler o trabalho de ANTONIETA DE PAULA SOUZA, *Impressões de viagem ao longo do rio Paraná*, publicado em "Geografia" — Ano II — n.º 4 — 1936 — S. Paulo, —

Como percorremos o rio em período de vazante (setembro), aparentemente essa dissimetria poderia não ocasionar consequências visíveis. Porém, não havíamos ainda atingido a barra do Parapanema e já concluíamos que, graças a ela, as duas margens apresentam profundas diferenças quanto ao povoamento. As cheias que, em Pôrto Epitácio, podem fazer o nível das águas subir mais de 8 metros, cêrca de 5 metros a jusante de Pôrto Rico, bem menos em Guaira, inundam com relativa facilidade as áreas marginais matogrossenses, inclusive condicionando a presença de extensas áreas de charcos e brejos que, em certos trechos, se afastam até 100 quilômetros do rio. As margens paulista e paranaense, mais altas, permanecem relativamente abrigadas. É por isso que Pôrto Epitácio (São Paulo), Pôrto Rico e Pôrto São José (Paraná), não têm o problema das inundações, as quais, em Pôrto Quinze (Mato Grosso), constituem um dos principais impecilhos ao normal desenvolvimento do núcleo. É devido a êsse fato que, enquanto em Pôrto Tibiriçá quase tôdas as casas assentam diretamente sôbre o solo, em Pôrto Quinze todas são construídas sôbre pilares. Portanto, o primeiro e principal elemento diferenciador de paisagens está nas características das margens, donde uma intensidade maior de ocupação do solo na margem esquerda.

Realmente, embora inicialmente pareça que as margens paranaenses e paulistas estão pouco povoadas e mesmo completamente despovoadas, logo nos convencemos do contrário. Entre Pôrto Epitácio e Pôrto Rico aparecem alguns pequenos núcleos localizados, regra geral, em pontos em que uma via de comunicação cruza o rio. Mais frequentemente, aparecem os indícios da ocupação do solo quer pelo pastoreio quer pela extração de madeira. Relativamente distanciados uns dos outros, surgem conjuntos de 5 ou 6 habitações, as quais, localmente, justificam o nome de "pôrto".

As habitações, mais frequentes na margem esquerda, aparecem de preferência no alto do talude do leito maior e, algumas vêzes, em baixos terraços que limitam o leito menor do rio. Como já dissemos, não são poucas as que surgem sôbre pilares, principalmente para evitar a umidade do solo e o trabalho de terraplanagem necessário em superfícies inclinadas.

Os pequenos núcleos e mesmo habitações isoladas situam-se de preferência junto à confluência de pequenos afluentes do Paraná, que, em muitos casos, entalharam vales suficientemente profundos para originar barrancas tão elevadas quanto as do Paraná.

Na margem paulista, sucedem-se as fazendas, indicadas pela presença de uma ou mais habitações à beira rio, por trechos de margens preparados para que os barcos ou chatas possam encostar com

mais facilidade, cabeças de gado que vez ou outra aparecem junto ao rio, pelas toras que, amontoadas, esperam por transporte. Mesmo antes de Pôrto Rico, também na margem matogrossense, verifica-se uma ocupação mais intensa à medida que nos dirigimos para o sul.

Em todo o percurso, domina um "habitat" disperso; sucedem-se bem espaçadamente os "portos", interrompidos de vez em quando por uma grande fazenda (em muitos casos os "portos" a elas pertencem).

Desperta a nossa atenção a frequência com que aparecem as derrubadas nas margens do rio, constituindo aquilo que, regionalmente, denominam-se "abertas". É interessante notar que, segundo fomos levados a concluir, com exceção da área entre Pôrto Rico e Pôrto São José e de alguns trechos paulistas, as "abertas" surgem a partir do rio, muitas vezes sendo sucedidas por uma faixa mais afastada das margens, praticamente despovoada. Essa situação contrasta com a existente na margem matogrossense. Nesta, a presença de um ou outro "pôrto" indica, quase sempre, a existência de uma faixa povoada, embora afastada do rio, além da faixa de beira-rio despovoada.

À medida que nos aproximamos da ilha de Sete Quedas e a perlongamos em direção a Guaira, a não ser um ou outro "pôrto", algumas vezes passando praticamente despercebido (como é o caso do Pôrto Dom Carlos), tornam-se quase nulos os indícios de povoamento. Algumas "abertas" atestam a presença de "posseiros" (2).

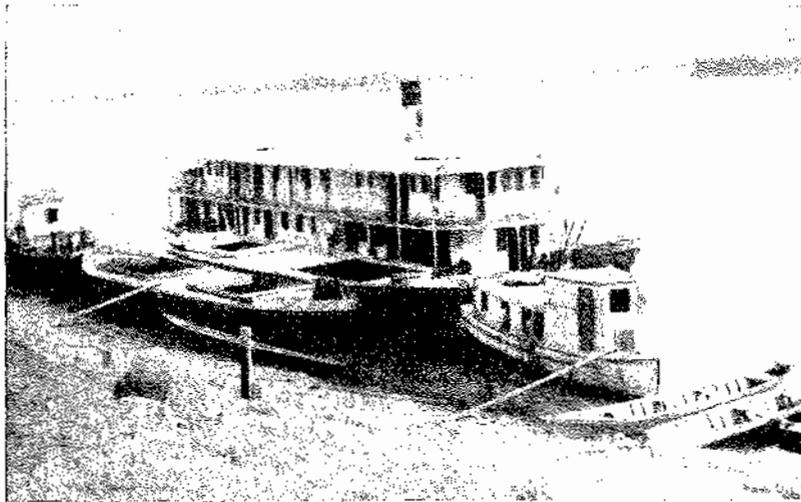
De modo geral, portanto, as áreas marginais ao rio Paraná refletem, nos fatos e aspectos da paisagem, sua condição de zonas novas, raramente utilizadas ou, então, o que é mais frequente, de zonas em início de utilização.

Aspectos do povoamento das margens do Rio Paraná. — Nas áreas marginais ao rio Paraná, entre Pôrto Epitácio e Guaira, numa extensão de aproximadamente 400 quilômetros, processava-se, em 1953, uma atividade relativamente intensa no sentido de se utilizar suas terras. Essa utilização efetuava-se através de um povoamento que, quer quanto à época em que teve início, quer quanto às etapas que já o caracterizavam em algumas partes do rio, quer quanto à estrutura econômica que o condicionava, quer quanto aos

(2) É necessário lembrar que, a jusante da ponta setentrional da ilha de Sete Quedas, observamos "portos" somente na margem matogrossense. O fato é natural porquanto viajamos pelo canal da margem direita, o que não nos permitiu observar o trecho da margem paranaense correspondente à amplitude longitudinal da ilha.



N. 3 — O caótico amontoado de toras que, à espera de transporte, pode ser observado em inúmeros pontos do percurso entre Porto Epitácio e Guaira, constitui mudo, mas eloquente testemunho da sistemática destruição das matas. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).



N. 4 — O barco que se destaca na fotografia representa bem os que navegam o rio, efetuando o transporte de passageiros entre os principais portos. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).

efetivos humanos que dele participavam ou participaram, quer quanto ao "habitat" que já originou ou está originando, difere, embora não radicalmente, nas diferentes secções que completam ou perfazem esses 400 quilômetros.

Essa diferenciação permite que, quanto ao povoamento, possamos distinguir pelo menos três grupos de áreas:

1.º) áreas de povoamento relativamente antigo, atualmente (1953) revitalizadas, após um estágio mais ou menos longo de decadência ou de estacionamento;

2.º) áreas típicas de frente pioneira;

3.º) áreas de terras devolutas em fase de início de utilização.

No primeiro caso, estão as duas secções extremas do trecho do Paraná que nos interessa: a secção que vai de Pôrto Epitácio até aproximadamente a barra do Paranapanema e a secção de Guaira e vizinhanças. No segundo caso, incluem-se cêrca de 30 quilômetros da margem paranaense imediatamente a jusante da barra do Paranapanema, abrangendo principalmente os núcleos de Pôrto Rico e Pôrto São José. No terceiro caso incluí-se a maioria das terras entre Guaira e Pôrto Rico.

A esses três grupos é necessário acrescentar um quarto, compreendendo terras matogrossenses bastante afastadas do rio, a exemplo da região de Dourados. Essa região não nos interessa especificamente, pois não a percorremos; todavia, interessa-nos na medida em que, direta ou indiretamente, repercute na vida das áreas ribeirinhas do Paraná, particularmente, como teremos ocasião de vêr, nas proximidades da barra do rio Pardo, na margem matogrossense.

I. ÁREAS DE POVOAMENTO ANTIGO REVITALIZADAS

A secção de Guaira e vizinhanças. — Se excluirmos os fatos relativos às antigas Reduções jesuíticas da Província do Guairá, que pouco ou quase nada deixaram no referente ao povoamento da área que nos interessa (a não ser ruínas esparsas), podemos datar o início da efetiva utilização das áreas imediatamente a montante das Sete Quedas a partir da segunda década deste século, com a expansão, para essa parte do Estado do Paraná, das atividades da *Companhia Mate Laranjeira*. Desde que o pôrto de Guaira passou a formar no sistema de transportes dessa companhia, o núcleo de Guaira e arredores conheceu um período de prosperi-



N. 5 — Trecho da principal rua de Guaira, nas proximidades do quartel. Ai está se esboçando um pequeno núcleo comercial. Observe-se o tipo das casas, todas de madeira, e o ripado de madeira. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).



N. 6 — Simetria, ordem e limpeza caracterizam as ruas de Guaira. Na foto a avenida que, do rio, leva aos quartéis e, em seguida, às quedas. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).

dade (3). Entretanto, as contínuas transformações estruturais da companhia, inclusive fases de decadência, a encampação de muitos de seus serviços, do próprio pórto e área do núcleo pelo Governo Federal, e, finalmente, a própria dissolução da companhia (4) trouxeram como imediata consequência, se não a decadência, pelo menos a estagnação temporária de Guaira por alguns anos, poucos, é verdade, pois, atualmente, graças a uma série de felizes circunstâncias, o núcleo está se reerguendo. É um progresso lento mas seguro, conforme poderemos verificar adiante.

O aglomerado de Guaira pertence ao Estado do Paraná, localizado que está na margem esquerda do rio Paraná, a montante das Sete Quedas, em possíveis terraços, bem abrigados das inundações que, embora de forma atenuada, podem se fazer sentir em trechos dos arredores.

Sua situação geográfica é vantajosa, dado que seu pórto é ponto terminal da navegação fluvial desde Jupiá, no Estado de São Paulo, ponto onde o rio Paraná é cruzado pela E. F. Noroeste do Brasil. Por outro lado, Guaira é ponto inicial da ferrovia que vai até Pórto Mendes, a jusante das Sete Quedas, ferrovia essa que complementa a navegação fluvial, pois, de Pórto Mendes, navega-se com relativa facilidade até Buenos-Aires. Essa ferrovia, a par da "Madeira-Mamoré", da "Tocantins" e da "Penedo-Piranhas" é um dos exemplos, em regiões planaltinas como são muitas as brasileiras, de como são parcialmente solucionados, para os transportes, os problemas da constante presença de rupturas de declives nos rios. O comprimento da ferrovia Guaira-Pórto Mendes é de aproximadamente 60 quilômetros; a bitola, bastante estreita, é de 60 centímetros. Trens diários, em uma só direção, ligam os dois portos.

Se a situação geográfica de Guaira é favorável, o mesmo, entretanto, não pode ser dito quanto ao seu sítio, particularmente quanto ao local em que se estabeleceu o pórto, elemento que praticamente justifica a existência do aglomerado. O ponto escolhido para o pórto não é dos mais felizes. Está bastante próximo das quedas e, em consequência, as águas são muito velozes. Antes de se despenharem pelas quedas, as águas do Paraná como que se espraiam, atingindo uma largura de mais de 4 quilômetros. O rio torna-se relativamente raso de tal forma que, mesmo na área do pórto, a cerca de 100 metros da margem, são muitos os trechos em

(3) Para os que estão interessados em conhecer pormenores sobre a zona de Guaira nos seus primeiros anos de existência recomendamos a obra de LIMA FIGUEIREDO — *Oeste Paranaense* — Editora Nacional — São Paulo — 1937 — e *A' sombra dos herveas matogrossenses* de VIRGILIO CORRÊA FILHO, — S. Paulo Editora Ltda., 1925, para os fatos relativos à Companhia Matte Laranjeira.

(4) Atualmente, a Companhia Matte Laranjeira não mais se dedica à exploração e comércio do mate, tendo desviado suas atividades para outros setores econômicos.



N. 7 — A construção sobre pilares, a madeira como material de construção, a simplicidade do plano, o telhado sem beirais e bastante inclinado, o contraste entre as linhas retas dominantes e os arcos das varandas — caracterizam esta original casa de Guaira. (Foto I. N. Takeda — setembro 1953).



N. 8 — Casa modesta de Guaira. Com seu telhado muito inclinado, sua pequena varanda, cercada por quintal limitado por ripado de madeira, representa bem o tipo mais comum. (Foto P. Petrone — setembro 1953).

que as águas mal atingem um metro de profundidade na vasante. A entrada na área do pôrto e a atracação requerem perfeito conhecimento dos canais naturais do rio, e não são raras as vezes em que, particularmente nas vasantes, os vapores não podem atracar por falta de segurança na travessia da correnteza do rio (5). Quando estivemos em Guaira (setembro), foi-nos dado observar a dificuldade com que um vapor desembarcou seus passageiros, tendo em vista que se viu obrigado a atracar na margem direita do rio, com receio de atingir a margem esquerda.

Naturalmente, a proximidade das quedas como atração turística foi um dos motivos pelos quais o aglomerado e o pôrto aí se conservaram. Todavia, essa função não ficaria prejudicada se o pôrto se localizasse em ponto um pouco mais distante das quedas, porém tècnicamente mais favorável. É bem verdade que a ilha das Sete Quedas (que, a montante de Guaira, separa o rio Paraná em dois canais ao longo de mais de 70 quilômetros de seu curso) deve ter tido função não descurável na localização do pôrto. Consideradas as condições de navegabilidade do rio Paraná no decorrer de todo um ano, o canal paranaense oferece piores possibilidades que o matogrossense. Este é navegável por vapores também no período da vasante, daí ser geralmente preferido. Parece, pois, que a localização do aglomerado de Guaira a montante da ponta meridional da ilha das Sete Quedas, no canal paranaense, obrigaria os vapores a um pequeno retôrno para o norte, fato que, provavelmente, não seria vantajoso. De qualquer forma, quando se tornar necessário o aparelhamento de um pôrto fluvial melhor dotado, certamente a idéia de se deslocar o seu sítio um pouco para o norte não será sumariamente descurada.

Guaira é um núcleo relativamente antigo. Não se considerando o fato da região em que está situado ter sido teatro do aparecimento de algumas Reduções Jesuíticas, o atual núcleo data do início da segunda década deste século, sendo iniciativa da Companhia Mate Laranjeira. A Companhia criou Pôrto Guaira e a ferrovia, com a finalidade de completar o sistema de comunicações entre a principal área produtora da erva-mate, no sul de Mato Grosso, e a cidade de Buenos-Aires, onde se efetuava o beneficiamento do produto. O eixo de comunicações e transportes ao qual se entrou Guaira compreendia as seguintes secções: de Campanário, no sul de Mato Grosso, a Pôrto Dom Carlos, na margem direita do rio Paraná; por via fluvial, do referido pôrto a Guaira; daí a Pôrto

(5) Durante o período de vasante, especialmente, os vapores que chegam a Guaira navegam próximo à margem direita do rio, pelo canal entre a margem matogrossense e a ilha das Sete Quedas. Portanto, para atingir o pôrto, que está na margem esquerda, são obrigados a atravessar o rio.

Mendes por ferrovia; e, finalmente, de Pôrto Mendes a Buenos-Aires por via fluvial e ferrovia. Pelo que ainda pode ser observado no aglomerado, Guaira constituiu um dos pontos chaves no complexo sistema econômico da Mate Laranjeira. Atualmente, o núcleo já não mais pertence a essa Companhia. Foi encampado pelo Governo Federal e é administrado por uma autarquia, o "Serviço de Navegação da Bacia do Prata". Próximamente, a área do aglomerado terá que ser cedida à Prefeitura, dado que, em dezembro de 1952, Guaira foi elevada à categoria de município.

Pela sua origem e pela sua estrutura, Guaira é uma cidade "criada". Suas ruas, todas retilíneas, cortam-se em ângulos retos. A principal, Avenida Presidente Getúlio Vargas, inicia-se junto ao rio, na Praça Presidente Dutra, dirigindo-se, após vencer suave lombada, até os quartéis do Exército, aproximadamente com 1 quilômetro de comprimento; daí, com mais ou menos quatro quilômetros, prossegue pela estrada que chega até as quedas.

Na Praça Presidente Dutra e vizinhanças localizam-se a estação de estrada de ferro, o Armazem Central do S. N. B. P., a administração desse Serviço. Na Avenida Presidente Getúlio Vargas há um hotel e uma pensão, a Capitania dos Portos, a igreja católica, o Posto Fiscal e a Escola "Francisco Mendes". Portanto, êsses dois logradouros abrigam os edifícios comerciais, da administração, escolares, religiosos e outros.

O pôrto fica aproximadamente a um quilômetro a montante do núcleo. É nas proximidades do pôrto que se localizam as oficinas do S. N. B. P., quer para servir à ferrovia, quer para a navegação fluvial.

As ruas de Guaira não são pavimentadas; entretanto, possuem aspecto agradável, pois são bem niveladas e abauladas, seus passeios são ladeados por duas fileiras de canteiros gramados e, no meio-fio, alinham-se árvores de sombra. As habitações acentuam essa característica de cidade "criada", que nos é fornecida pelas ruas; são uniformes, construídas em lotes regulares, quase sempre afastadas da rua, com pequenos jardins na frente. São mais modestas em alguns trechos e mais ricas em outros, não havendo mistura. Com raras exceções, são construídas com madeira, recobertas com tabuinhas de cedro e, mais raramente, de ipê. (Essas tabuinhas são denominadas de "taulito" pelos paraguaios que habitam na região). As paredes são construídas ou com tábuas parcialmente superpostas umas às outras, tipo canôa, ou então por tábuas justapostas verticalmente, com as juntas protegidas por ripas. Todas apresentam telhados muito inclinados, sendo frequentes as que possuem varandas; quando menos, os telhados são prolongados

um metro ou mais na parte fronteira da casa. A maioria dos lotes é limitada por ripados muito bem tratados.

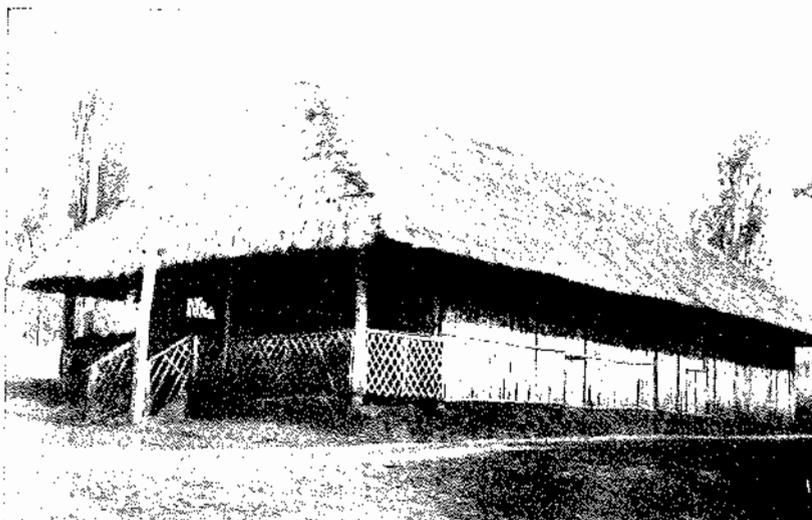
No seu aspecto, as casas de Guaíra revelam indiscutível influência nórdica ou centro-européia, provavelmente alemã. Não conseguimos verificar de que forma se processou essa influência. Dada a presença de poucos alemães na região, tudo parece indicar difusão da forma de construir dominante em larga porção do Estado do Paraná. O mesmo parece ter acontecido com as carrêtas "polonêsas", comuns em Guaíra e arredores. Soubemos que as casas são de tal tipo desde que o núcleo surgiu. Quanto às carrêtas de 4 rodas, surgiram mais recentemente. Nos primeiros tempos da existência do núcleo, eram utilizadas carroças com duas rodas, puxadas por 4 a 6 pares de cavalos, as "alçaprimas", que serviam principalmente para o transporte de madeira. De modo geral, repetimos, em Guaíra, os alemães e polonêses e descendentes são poucos e chegados recentemente, posteriores, portanto, à introdução da forma de construir e à carrêta "polonêsa". Torna-se evidente que tanto uma quanto outra já penetraram integralmente nos hábitos da maior parte da população paranaense, independentemente a sua aplicação ou utilização, da presença dos alemães ou polonêses. O caso de Guaíra é bastante significativo, dado que o aglomerado está situado no extremo Oeste paranaense.

A característica de cidade "criada" reaparece na solução encontrada para o problema do abastecimento de água. A água, que é fornecida a Guaíra, provém de duas fontes: ou é retirada diretamente do rio Paraná ou, então, é fornecida pelo manancial denominado da "Quinta". A primeira é bombeada para os tanques-reservatórios, que recebem também a água do manancial por simples gravidade. Desses tanques, por meio de encanamentos, a água é distribuída diretamente para algumas habitações e, mais comumente, para torneiras públicas, localizadas em cruzamentos de ruas. Cada conjunto de quatro ou cinco quadras é servido por um tanque-reservatório que, em regra, possui 7 metros de profundidade por 4 metros de diâmetro. Os habitantes pagam uma taxa mensal fixa de Cr\$ 30,00 pelo fornecimento de água. A mesma quantia é paga para a obtenção de eletricidade. A cidade, relativamente bem servida, obtém energia termo-elétrica nos geradores das oficinas do S. N. B. P., que superintende sua distribuição. É chocante que, sendo bem servida por outros serviços de utilidade pública, Guaíra não possuía verdadeira rede de esgotos.

Naturalmente, a principal função de Guaíra é a comercial. Seu pôrto continua contribuindo para o escoamento da produção de mate dos arredores e do Sul de Mato Grosso. Somente em 1952, pas-



N. 9 — Casa representativa dos tipos menos modestos de Guaira. Chamamos a atenção para a forma por que foram construídas as paredes, inteiramente diferentes do exemplo apresentado na foto N. 7. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).



N. 10 — Curioso tipo de construção. Nela pode ser observada uma mescla de influências na forma de construir, desde a parede de taquaruçu até o tipo de telhado. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953)

saram por Guaíra, em direção a Buenos-Aires, cêrca de 13 milhões de quilos de mate. Por outro lado, as possibilidades de Guaíra como centro comercial tendem a aumentar em virtude do núcleo ampliar sua função de nó de comunicações regionais. Além de ser servida pelo rio e pela ferrovia, Guaíra vê-se ligada ao litoral atlântico por uma linha regular de aviação. Além disso, em junho de 1953 foi inaugurada uma estrada para a localidade de Toledo, a sudeste de Guaíra, donde chega-se a Cascavel e Ponta Grossa. Essa estrada tem permitido que, na região, penetrem caminhões e automóveis, embora ainda sejam pouco numerosos.

O comércio varejista é controlado pelo S.N.B.P. (6), que cedeu concessão de um Armazem Geral com bar, mercearia, loja, mercadinho, antigamente pertencente à Mate Laranjeira. Últimamente, na Avenida Presidente Getúlio Vargas, nas proximidades do quartel, surgiram algumas casas comerciais de particulares, constituindo um centro comercial embrionário. É necessário frizar que o abastecimento em gêneros de primeira necessidade vê-se prejudicado pela ausência de área horticulora nas proximidades do núcleo, assim como pela ausência de culturas de cereais. As tentativas para criar áreas horticuloras fracassaram. A maior parte dos mantimentos vem de São Paulo, por intermédio de Pôrto Epitácio. Em determinados casos, até a própria carne é importada, embora a região apresente algumas áreas pastoris, tanto que, no seu pôrto, existe embarcadouro para o gado e, quase sempre, aí se encontram encostadas uma ou duas chatas para o seu transporte. A escassez e dificuldades para obter-se mantimentos fizeram com que alguns habitantes de Guaíra formassem pequenas hortas e mantivessem alguns animais para o consumo.

Além da função comercial, outras merecem ser citadas para Guaíra. Por ser núcleo de fronteira, abriga uma guarnição militar, sendo marcante a influência do quartel na vida do aglomerado (7). Localizada bem próxima das quedas d'água, Guaíra é também um centro de turismo. Entretanto, pelo quanto pudemos observar, o movimento de turistas realmente não é grande como esperávamos; somente existe um hotel e uma pensão e não aparece no aglomerado o comércio característico dos centros turísticos, mesmo os mais modestos.

Interessante sob muitos aspectos, que não pudemos melhor caracterizar em virtude de nossa breve permanência no local, Guaira apresenta uma sugestiva população, particularmente quanto à sua composição.

(6) Tal Serviço data de 1945 e conta com 250 funcionários.

(7) O quartel data de 1946 e a guarnição conta com 216 militares.



N. 11 — Carrêta "polonesa", veículo comum em Guaira e arredores. (Foto M. T. Schorey — setembro 1953).



N. 12 — Curiosa cobertura de "tabuinhas" de um não menos curioso depósito de água, em Guaira. (Foto I. N. Takeda — setembro 1953).

No início do século, em virtude da falta de comunicações com o Leste paranaense, e graças ao fato do rio Paraná não ser utilizado para a penetração de populações que viessem de seu alto curso (as margens paulistas começavam a ser desbravadas), graças ainda ao fato de ser zona fronteiriça, a região de Guaíra era povoada apenas por paraguaios. Eles penetravam com relativa facilidade em território brasileiro, dada a precária fiscalização na fronteira. Após a criação do núcleo atual de Guaíra, o afluxo de paraguaios continuou devido à necessidade de braços por parte da Companhia Mate Laranjeira.

Atualmente, no aglomerado de Guaíra a maioria da população (cêrca de 2000 pessoas) é brasileira, havendo, entretanto, uma grande percentagem de paraguaios e não descurável número de argentinos. São poucos os representantes de outras nacionalidades. Últimamente, sobretudo depois de 1951, têm entrado na região alguns italianos, polonêses, alemães ou descendentes. Paralelamente, tem diminuído a penetração de paraguaios. Não só já não podem entrar livremente em território do Brasil, como também o próprio Governo paraguaio opõe restrições à sua saída, tendo em vista a carência de braços na república vizinha (8).

Em conclusão: o aglomerado de Guaíra, que até pouco tempo serviu aos interesses comerciais de uma poderosa companhia, poderá, em futuro não muito remoto, ser um dos principais centros do Oeste do Estado do Paraná. Para êsse fim será necessário aproveitar convenientemente sua interessante situação geográfica, particularmente no referente ao seu papel como futuro nó de comunicações do extremo Oeste paranaense e, mesmo, de áreas não-brasileiras. Naturalmente, essa situação será condicionada pelo maior desenvolvimento econômico das regiões próximas, fato possível, dado que o vale do Paraná sofre, no momento (1953) uma primeira e importante fase de povoamento. Importantíssima será, sem dúvida alguma, a participação que os atrativos dos arredores do aglomerado terão no seu desenvolvimento. As gigantescas quedas d'água que lhe estão próximas, pelo seu porte, pelas belezas que representam, pelas surpresas que seus variadíssimos aspectos reservam a quem as visita, deverão justificar, quando melhor aproveitadas, um afluxo sempre maior de turistas brasileiros e estrangeiros para Guaíra. Finalmente, é preciso não esquecer as imensas possi-

(8) É interessante notar que a influência paraguaia se faz sentir praticamente em todo o trecho do rio Paraná que nos interessa. Alguns são "posseiros", outros são antigos trabalhadores da Mate Laranjeira, muitos estabeleceram-se definitivamente em Guaíra, numerosos trabalham nos barcos e vapores que navegam nesse trecho do rio; em tôdas as partes, os paraguaios aparecem constantemente. Forma-se sugestivo o contato e a superposição cultural que, atualmente, se verifica por parte do nordestino em relação ao paraguaio.

bilidades representadas por essas quedas no referente ao seu potencial hidro-elétrico.

Pôrto Quinze de Novembro, o comércio de gado e as zonas pioneiras de Mato Grosso. — A segunda secção de povoamento relativamente antigo é a que vai da barra do Paranapanema a Pôrto Epitácio. Nessa secção, destacam-se quatro núcleos: *Pôrto 15* e *Pôrto 16*, no Estado de Mato Grosso; *Pôrto Tibiriçá* e *Pôrto Epitácio*, no Estado de São Paulo. Nessa área, o povoamento efetivo teve início nos primeiros anos dêste século. Desde então, nela surgem os núcleos citados, por onde o gado matogrossense passou a atravessar o rio para entrar em São Paulo. Durante muito tempo, outra não foi a função dêsses núcleos, a não ser a de constituírem pontos preferenciais para embarque e desembarque do gado.

No fim da segunda década do século, os trilhos da E. F. Sorocabana atingiram Pôrto Epitácio; a margem paulista do Paraná passou a ser paulatina, mas sistematicamente povoada, constituindo a extração de madeira e a criação (atividades ainda hoje predominantes na região) seus elementos econômicos básicos. O povoamento foi lentamente se expandindo para o sul até que, na década 1940-1950, chegou a abranger, se bem que rala e descontinuadamente, todo o trecho entre Pôrto Epitácio e a barra do Paranapanema.

A margem matogrossense permaneceu estacionária durante mais tempo. Somente de três anos a esta parte (1953), passou a caracterizar-se por uma revitalização, marcada principalmente pelas repercussões, que nela se fazem sentir, do desenvolvimento da área pioneira de Dourados. Entretanto, o mais importante é que a região dos Portos 15 e 16 e o vale do rio Pardo deixaram de usufruir apenas da vantagem de sua situação como áreas de passagem, para se constituírem em áreas pastoris e também como áreas agrícolas, portanto áreas produtoras, o que lhes confere a possibilidade de um futuro desenvolvimento mais seguro, mais estável e mais rápido.

O núcleo do Pôrto 15, secundado por Pôrto 16, representa bem a evolução dessa secção, pelo que, a seu respeito, passaremos a tecer algumas considerações (9).

Os Portos 15 e 16 localizam-se, respectivamente, nas margens direita e esquerda do rio Pardo, na barra dêsse rio no Paraná, em terras de Mato-Grosso. Ambos os portos datam do início dêste século, fundados que foram por um certo major Cecílio que, por volta de 1902, abriu um picadão desde a cidade de Campo Grande

(9) Não tivemos oportunidade de estudar o núcleo de Pôrto Epitácio e arredores. Todavia, julgamos não ser essencial o seu estudo por fugir um pouco ao que nos interessa e porque, de qualquer forma, Pôrto Epitácio já é relativamente conhecido.

até à barra do rio Pardo. Esse mesmo major foi quem, por primeiro, modernamente, desceu o Anhanduí, o principal formador do Pardo, por intermédio deste atingindo o Paraná.

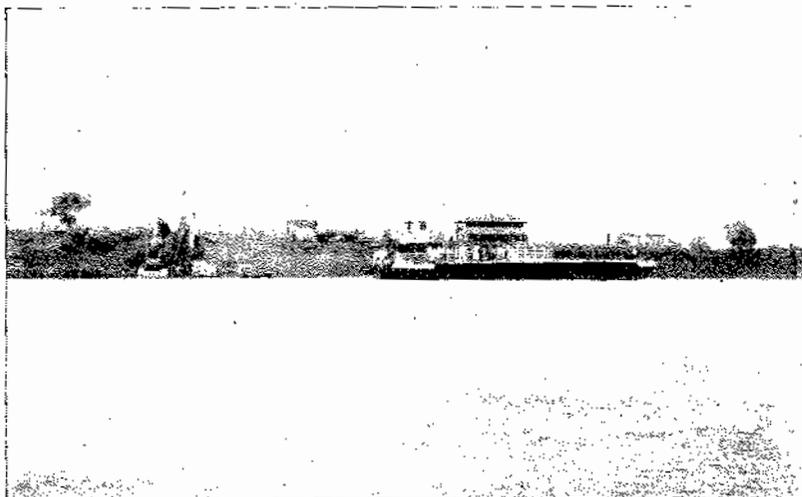
Desde logo, o picadão recém-aberto passou a ser utilizado pelas boiadas que, de Mato Grosso, particularmente do Sul, iam ter às invernadas paulistas. Entretanto, o desenvolvimento dos dois portos foi praticamente nulo até 1950. Por volta de 1949, Pôrto 15 não possuía mais de 3 ou 4 casas. No Pôrto 16, em 1953, apenas deparamos com duas ou três casas, mangueiriões e desembarcadouro para gado.

Em 1953, o *Pôrto 15* possuía pouco mais ou menos 30 casas, uma Coletoria estadual, vários bares, além das instalações normais de um pôrto de gado.

O aglomerado que forma o Pôrto 15 reflete, na sua história, a evolução da região a que pertence e, na sua fisionomia, em grande parte a influência de seu sítio. Na época em que o major Cecílio abriu o picadão, o Governo matogrossense concedeu-lhe, como recompensa, uma área de 72 000 hectares, abrangendo o atual pôrto e o núcleo urbano. Por iniciativa do major, foram reservados 1 172 hectares para a criação de um patrimônio. Para esse fim procedeu-se à demarcação da área; entretanto, em virtude do pequeno desenvolvimento que a região teve no passado e devido a problemas com o S.N.B.P., na atualidade, não foi adiante e mesmo os marcos acabaram desaparecendo. Em setembro de 1953, procedeu-se a uma nova demarcação.

O sítio do aglomerado é ingrato, embora sua situação geográfica seja das mais favoráveis. O aglomerado localiza-se em área pouco acima do nível do rio; as barrancas têm 4 a 5 metros sobre o nível das vasantes. Nas maiores cheias, as águas ultrapassam o nível das barrancas, inundando toda a área do pôrto. Nas últimas cheias, por exemplo, somente a Coletoria Estadual, situada a cerca de 500 metros da barranca, não foi atingida e, mesmo assim, porque assenta sobre pilares, a metro e meio acima do solo. Têm havido épocas em que, para se atingir a coletoria, tornou-se necessária a utilização de botes. É evidente, portanto, que, para um futuro desenvolvimento da localidade, a solução do problema representado pelas enchentes é fundamental.

Grande parte da vida dos dois portos, particularmente do Pôrto 15, gira em torno da passagem do gado. As boiadas são originárias principalmente do sul do Estado de Mato Grosso, avultando as oriundas dos Pantanaís e das regiões de Maracajú, Pôrto Mur-tinho, Aquidauana e Campo Grande. O gado de Campo Grande dirige-se de preferência para o Pôrto 16, dado que as distâncias a



N. 13 — Aspecto do Pôrto 15, tomado do Pôrto 16, que lhe é fronteiro. Podem ser observados o embarcadouro para o gado, chata para o transporte de gado e, à esquerda, atrás do embarcadouro, currais. (Foto I. N. Takeda — setembro 1953).



N. 14 — Quase todas as edificações de Pôrto 15 apresentam uma varanda na frente. Todas são construídas sobre pilares em virtude do problema representado pelas cheias. (Foto I. N. Takeda — setembro 1953).

percorrer são menores e que, nas estradas boiadeiras que levam a esse pôrto, menos utilizadas, as pastagens são fartas.

Em determinados casos, menos frequente é verdade, o gado chega de regiões bem mais distantes, como por exemplo Cáceres e Poconé. Acresce que, nos últimos anos, tem chegado também gado originário do Paraguai, que entra no Brasil principalmente por Ponta Porã e Bela Vista.

A maior afluência de gado para os dois portos verifica-se de setembro a maio ou, seja, no tempo das águas. É que, nesse período, ao longo das estradas boiadeiras, as pastagens são fartas devido às chuvas. No período da seca, o movimento de boiadas diminui porquanto o gado, que já não é dos mais resistentes, nem sempre pode suportar as longas caminhadas até atingir o pôrto.

As boiadas são conduzidas para o pôrto por "condutores". Estes tanto podem ser mensalistas da fazenda de criação, como contratados. Neste último caso, ganham apenas para conduzir a boiada, recebendo de acôrdo com o número de cabeças (10).

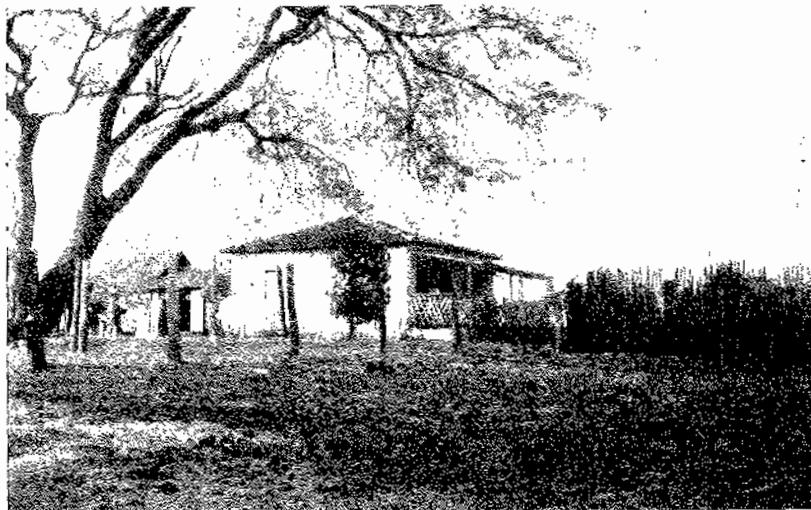
A chegada das boiadas dá sempre margem a dias de grande animação e mesmo agitação no pôrto. Os peões, após longas e cansativas caminhadas pelas estradas boiadeiras, tratam de se divertir por alguns dias, no que são favorecidos pela espera a que, quase sempre, o gado está sujeito antes de conseguir embarque em algumas chatas. Nesses dias, especialmente se coincidirem com alguma festa popular, o aglomerado vive momentos pitorescos, mas turbulentos, com frequentes arruaças que constituem motivo de queixas por parte de seus habitantes.

Últimamente, têm atravessado o Paraná por intermédio desses portos cerca de 200 000 ou mais cabeças de gado, cada ano. O maior movimento é do Pôrto 15, pois, no Pôrto 16, a média anual dificilmente supera 50 000 cabeças; normalmente, embarcam nesse pôrto 30 000 a 50 000 cabeças por ano.

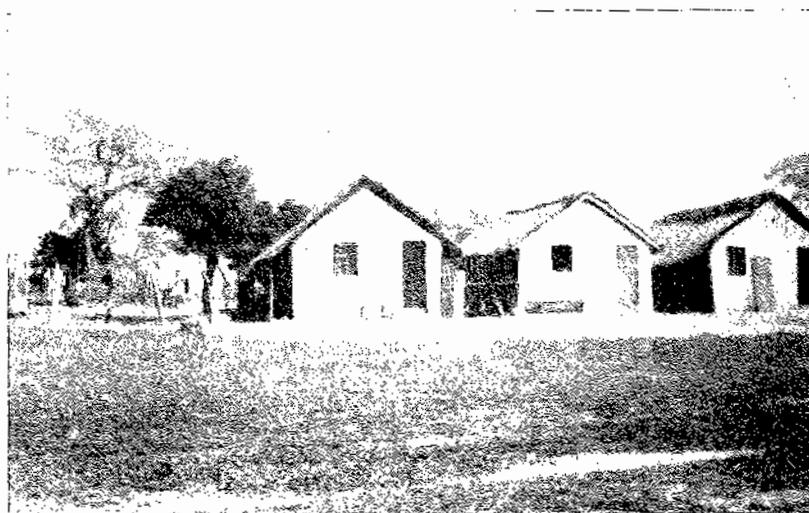
Cada boiada compreende de 1 300 a 1 500 bois. Todo o gado chegado em um dos dois portos é embarcado para Pôrto Tibiriçá, no Estado de São Paulo. Desembarcado em São Paulo, o gado é conduzido para engorda nas invernadas da Alta Sorocabana, particularmente na região de Assis (11). Sómente em carácter excepcional esse gado vai, em parte, para o Paraná.

(10) O preço varia com a época, oscilando, entretanto, entre Cr. \$ 120,00 e Cr. \$ 160,00, por cabeça. É necessário frizar que o transporte de uma boiada originária do sul de Mato Grosso demora de 3 a 6 meses. No caso dos contratados, quando morre uma rês no caminho, retiram a parte do couro que traz a marca do fazendeiro para provar que não houve desvio do gado; neste caso, nada recebem pela rês morta.

(11) As chatas ou barcaças de gado, que efetuam a travessia do rio, em média transportam 160 cabeças. Cada barcaça efetua normalmente 3 ou 4 viagens diárias. Todo o transporte de gado pelo rio Paraná é efetuado pelo S.N.B.P., que exerce



N. 15 — Uma das raras casas de Pôrto 16; não escapa ao comum das construções dos arredores. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).



N. 16 — Qualquer das casas que aparecem na fotografia poderiam perfeitamente ser encontradas em qualquer cidade ou vila do sertão nordestino. São casas de pescadores nordestinos em Pôrto 15. (Foto I. N. Takeda — setembro 1953).

Pôrto Quinze e Pôrto 16 não devem ao gado apenas o que êle possibilita com a passagem das boiadas. Os próprios arredores dos dois portos são, ainda hoje, quase exclusivamente pastoris (12).

Além da travessia de gado, um dos fatores que mais têm influenciado o desenvolvimento particularmente do Pôrto 15, nos últimos anos, tem sido a entrada de colonos para a zona de Dourados e vizinhanças. Pôrto 15, pertencente ao município de Rio Brillhante, de cuja séde dista pouco mais de 300 quilômetros por estrada de rodagem, comunica-se com a região de Dourados por intermédio de duas estradas, distando da cidade de Dourados aproximadamente 400 quilômetros. As relações entre Pôrto 15 e a séde do município, assim como com Dourados, possibilitaram a existência de uma linha de "jardineiras" que, com uma viagem semanal nas duas direções, cobrem a distância Pôrto 15 — Dourados em dois dias.

Pôrto 15 tem-se constituído em verdadeira porta de entrada da região de Dourados. Geralmente, os colonos chegam em caminhões, vindos de São Paulo, passando de Pôrto Epitácio ou Pôrto Tibiriça para o Pôrto 15 por intermédio de chatas. (O S. N. B. P., que também monopoliza êsse transporte, cobra por veículo Cr.\$ 300,00 a Cr.\$ 400,00 e Cr.\$ 10,00 por pessoa).

O movimento de caminhões é intenso. Sòmente em junho de 1953, passaram por Pôrto 15, em direção a Dourados, 60 a 70 caminhões diários, com famílias e bagagens. Nos últimos meses, julho e agosto, assim como nos imediatamente anteriores a junho, a média têm oscilado entre 15 e 20 caminhões por dia. Êsses caminhões voltam para São Paulo carregados com cereais, principalmente dos arredores de Dourados e Rio Brillhante, mas também de Campo Grande.

A esmagadora maioria dos trabalhadores que passam pelo Pôrto 15 é constituída por nordestinos, vindos diretamente do Nordeste ou de alguma área do oeste de São Paulo, onde permaneceram

verdadeiro monopólio, desde que se constituiu, formando uma autarquia federal graças à encampação, além de outras organizações, durante a última guerra, de uma companhia de navegação fluvial checo-alemã. Em média, o Serviço cobra Cr. \$ 15,00 por cabeça de gado transportada, enquanto que, antes da encampação, a Viação São Paulo-Mato Grosso cobrava Cr. \$ 5,00 a Cr. \$ 6,00.

(12) Toda a criação é extensiva, utilizando-se quer pastagens naturais, quer artificiais. É necessário frizar que o "cerrado" chega a poucos quilômetros dos dois portos, sendo apenas mascarado pela floresta que, nessa parte, acompanha o rio Paraná. O capim preferido nessa região é o "colúmbio". Anualmente, nas sêcas, procede-se à queimada dos pastos, os quais, em média, têm capacidade para cerca de 5 ou pouco mais cabeças para cada alqueire matogrossense. Naturalmente nos arredores predominam as grandes propriedades. Exemplo típico é o da Fazenda Primavera que, sòmente de pastagens, possui uma área superior a 1000 alqueires matogrossenses, com mais de 11000 cabeças de gado. O tipo de gado dominante na região é o Zebu. São poucas as propriedades que possuem gado leiteiro e praticamente não existe nenhuma preocupação para selecionar tipos.

algum tempo; oriundos de outros Estados são menos numerosos, sendo relativamente poucos os estrangeiros. Entretanto, em 1953, numerosos japoneses entraram na região, muitos dos quais não seguiram para Dourados, estabelecendo-se nos arredores do pôrto. Os japoneses que aí se estabelecem tornam-se arrendatários ou, então, o que não é raro, adquirem terras para a lavoura.

Pôrto 15 estava, em 1953, prestes a se tornar centro de uma área agrícola. Em áreas próximas ao pôrto, principalmente nos vales dos rios Pardo, Ivinheima e de alguns de seus afluentes, as atividades agrícolas já adquiriram importância econômica. Cultiva-se principalmente o arroz, tendo sido obtida a primeira safra em 1952. Para essa cultura são aproveitados os "varjões", áreas de várzeas fluviais úmidas. Toda a cultura de arroz é mecanizada, fato que bem demonstra seu caráter de cultura em grande escala. Índice dessa mecanização é a presença de dois tratores no Pôrto 16, 7 no Pôrto Santana, 40 em Bataguassú, localidades próximas (13).

Além da agricultura, merecem ser mencionadas as atividades relacionadas com a extração de madeira, que, embora sem a importância que tiveram no passado, ainda subsistem como atividades econômicas.

Em síntese, Pôrto 15, centro de área agrícola de promissor desenvolvimento, movimentado pôrto de gado, porta de entrada das ricas terras de Dourados, está, com certeza, fadado a se tornar uma das principais peças na estrutura econômica do Sul de Mato Grosso, particularmente no referente ao sistema de comunicações (14).

(13) A introdução da cultura de arroz na área dos arredores de Pôrto 15 já se tornou um fato econômico de repercussão nos principais centros da face atlântica, conforme atesta, entre outras, a nota publicada pela "Folha da Noite", de São Paulo, em 16-12-1953. — Pelo seu interesse, transcrevemo-la: — "Arroz no sul de Mato Grosso O sul de Mato Grosso, na região que se avizinha da Alta Sorocabana e se situa mais ou menos junto ao delta do rio Pardo (afluente do Paraná), está presenciando um surto rizícola de grandes proporções. Centenas de alqueires têm entrado ultimamente em cultivo e o processo dominante é o da motomecanização. As terras são planas, favorecendo o trabalho a trator. Organiza-se assim na fronteira de São Paulo um novo centro de produção cerealífera." A mesma empresa enviou jornalistas à região, tendo publicado dois artigos de grande interesse. — (Veja-se a "Folha da Manhã", de 27 de Dezembro de 1953 e 20 de Janeiro de 1954). —

(14) É preciso não exagerar quanto ao futuro de Pôrto 15. Grande parte de seu desenvolvimento está condicionado ao seu papel como centro irradiador de comunicações para a região pioneira de Dourados e áreas circunjacentes. Noticia-se em novembro de 1953 que administrações municipais interessadas, de São Paulo e Mato-Grosso, advogam a adaptação da ponte sobre o rio Paraná (que serve à E. F. Noroeste do Brasil) para permitir a passagem de caminhões e automóveis. Caso se concretize essa idéia, as comunicações entre o Estado de São Paulo e a região de Dourados far-se-ão mais facilmente, com a vantagem que serve ela diretamente às comunicações com a cidade de Campo Grande. Evidentemente ficariam diminuídas, nesse caso, as possibilidades de Pôrto 15.

II. ÁREAS DE FRENTE PIONEIRA

Generalidades. — Pelo que pudemos verificar no longo percurso que vai de Pôrto Epitácio a Guaíra, não são numerosos nem extensos os trechos marginais ao rio Paraná que podem ser considerados "pioneiros". Destaca-se sómente uma faixa de terras que vai desde a barra do Paranapanema até a jusante de Pôrto Rico, numa distância de pouco mais de 25 quilômetros, na margem paranaense.

Nessa parte, temos como que uma cunha da área pioneira do Norte do Paraná, que atingiu o rio na sua expansão para Oeste. Na margem do Paraná, encontramos dois núcleos — Pôrto Rico e Pôrto São José (15), que bem representam o papel de núcleos vanguardeiros de frente pioneira. Ambos constituem aspectos da frente pioneira que, deslocando-se para Oeste a partir de Londrina, foi marcando sua passagem com centros como Maringá e Paranavaí, daí indo atingir o rio (16).

Importante é acentuar que o rio não teve papel de destaque na localização dessa frente que hoje o margeia; ela veio por terra e, mesmo agora, o rio sómente aparece sob alguns aspectos (transporte de madeira, por exemplo). A dependência de Pôrto Rico e Pôrto São José do interior do Norte do Paraná verifica-se na sua ligação, por estrada de rodagem, e na intensidade do tráfego com a cidade de Paranavaí e outros centros mais distantes. Aliás, Paranavaí funciona como centro regional de toda a área que lhe fica a Oeste, até o rio Paraná.

Como algumas áreas pioneiras do Estado de São Paulo, a Alta Araraquarense, por exemplo, e mesmo do Norte do Paraná, essa faixa de Pôrto Rico e Pôrto São José está sendo povoada na base da estrada de rodagem, à espera da ferrovia, e apoiada em uma zona pioneira quase madura, no caso representada por Paranavaí e Mandaguari. Mesmo porque é dessas zonas que partem muitos de seus povoadores, como é nelas que êsses povoadores obtêm o de que se abastecer, neste período que se caracteriza pela ausência de produção de bens de consumo.

Nessa, como em todas as zonas pioneiras do Norte do Paraná, a utilização do solo se faz principalmente através da formação de cafézais.

(15) Incluímos Pôrto São José na frente pioneira, embora seja um núcleo relativamente antigo, porque sómente agora é que deixou de ser simples ponto de passagem de gado, para tornar-se verdadeiramente um núcleo de povoamento.

(16) A frente pioneira que nos interessa é bem recente. Data praticamente dos últimos dois anos (1952-53).



N. 17 — As estradas boiadeiras que convergem para Pôrto 15 e Pôrto 16 justificam a existência dos dois núcleos. Nos últimos anos, entretanto, tem adquirido sempre maior importância a passagem de caminhões pelos referidos portos. A foto é sugestiva, pois reflete os dois elementos condicionadores da vida de ambos os portos: o *gado*, pelas trilhas praticamente paralelas, e o *caminhão*, pelos sulcos centrais, mais pronunciados. (Foto I. N. Takeda — setembro 1953).



N. 18 — No recente núcleo de Pôrto Rico são comuns os ranchos improvisados e mesmo as tendas, como aparecem na fotografia. Abrigam os recém-vindos, enquanto ficam à espera de melhores acomodações. (Foto L. M. L. Barbosa — setembro 1953).

O café aparece, mais uma vez, como elemento fundamental no processo de conquista de zonas novas, fato característico de São Paulo e do Norte do Paraná. A repartição da superfície se faz por intermédio de loteamentos rurais em torno de um patrimônio, no que se acompanha o processo utilizado no Norte do Paraná pela antiga "Companhia de Terras Norte do Paraná".

Outros elementos característicos das demais frentes aqui também aparecem: população heterogênea, originária de várias partes do país, com uma certa percentagem de estrangeiros; população caracterizada pela mobilidade e, conseqüentemente, pela falta de enraizamento, fatos comprovados pelas diferentes regiões em que já estiveram os povoadores; verdadeira obseção pelo café; especulações imobiliárias; atividades extrativas (madeira), como principal estádio econômico inicial. Os dados que mais adiante fornecemos sobre Pôrto Rico e Pôrto São José ilustram quanto dissemos.

Como já procuramos demonstrar, ao tratar do Pôrto 15, o rio Paraná em muitos pontos vê-se influenciado pela área pioneira de Dourados e de outros trechos do Sul de Mato Grosso. Pôrto São José e, especialmente, Pôrto Rico também sentem essa influência, embora mais atenuada que no Pôrto 15. Pôrto Rico, por exemplo, recebe "paus de arara" com nordestinos que se dirigem principalmente para a área de Eldorado (Mato Grosso), mais de 100 quilômetros afastada do rio. É necessário, mais uma vez, frizar que a zona matogrossense próxima ao rio, fronteira a Pôrto Rico, não é utilizada, em virtude de ser baixa, sujeita às inundações e, em certos trechos, praticamente pantanosa. Esses nordestinos embarcam em Pôrto Rico, atingindo a zona pioneira do Sul de Mato Grosso por intermédio do Paraná e de seu afluente Ivinheima (17).

Pôrto São José. — Localiza-se a noroeste do Estado do Paraná, na margem esquerda do rio, a cerca de 5 quilômetros da barra do Paranapanema. Considerada a idade do povoamento na região, essa localidade é relativamente antiga. Por volta do ano de 1925, Manuel Mendes de Camargo abriu um picadão unindo o Sul de Mato-Grosso aos campos de Guarapuava, no Estado do Paraná, cruzando o rio Paraná na altura do atual Pôrto São José. Esse picadão passou a ser utilizado pelo gado, tornando-se estrada boiadeira bastante conhecida.

(17) A penetração dos nordestinos no Sul de Mato Grosso faz-se também pelo Pôrto Luiza, no rio Amambai, não muito longe de sua barra no Paraná, como ainda através do rio Iguatemi e do Pôrto Morumbi, no rio Paraná. Não são poucos os nordestinos introduzidos na região pelo S.N.B.P. que, aliás, os emprega em seus serviços.

Em 6 de maio de 1927, o referido Manuel Mendes de Camargo obteve facilidades para adquirir do Governo do Estado do Paraná uma gleba de 24 750 000 m², aproximadamente 1 000 alqueires, na área onde hoje está situado o pórto. Como frequentemente acontece nessas áreas novas, houve prolongada demanda em disputa dessas terras que, ainda hoje, estão inteiramente cercadas por terras devolutas. Terminada essa demanda, Manuel Mendes de Camargo constituiu uma Companhia com a finalidade de lotear e povoar as áreas por êle adquiridas.

Toda a propriedade foi dividida em duas partes, compreendendo o patrimônio "Cidade Pórto São José do rio Paraná" e uma área rural circunjacente. O patrimônio, como é natural, possui um traçado artificial. Onde deverá ser instalado o pórto existe uma área semi-circular, limitada pela futura Avenida São José, reservada para o Governo do Estado. Nessa área, com uma verba de Cr.\$ 1 000 000,00, já aprovada pela Assembléia Legislativa, o Governo aparelhará a futura cidade com instalações portuárias satisfatórias. Em tórno desse semi-círculo central, paralelamente à Avenida São José, abrir-se-ão seis ruas concêntricas até a futura Avenida Circular, cortadas por transversais divergentes. Essa parte constituiu a primeira secção de lotes urbanos, já registrada, e que, em 1953, estava sendo arruada. A partir da Avenida São José, divergindo em forma de leque, surgirão três avenidas — Campos Mourão, Central e Mato Grosso, que irão delimitar, em grande parte, as cinco secções reservadas para uma possível expansão futura da área urbana. Com essas secções, prevê-se para a cidade uma forma quadrangular, praticamente um quadrado, com um dos lados voltado para o rio.

Em tórno da cidade, dispõem-se 17 pequeninas secções de lotes rurais. Ao todo são 222 lotes, com áreas relativamente pequenas. O maior possui 130 000 m²; os menores, mais numerosos, têm área em tórno de 25 000, 45 000 ou 60 000 m². Como vemos, há uma grande desproporção entre a área reservada para o patrimônio e a área rural. A Companhia, prevendo a possibilidade de no futuro haver necessidade de expansão da área rural, já iniciou entendimentos com o Governo do Estado, através de Manuel Mendes de Camargo, para a obtenção de 40 000 alqueires das terras devolutas que delimitam a área loteada.

Em setembro de 1953, Pórto São José era formado por pouco mais de uma dezena de casas dispostas ainda desordenadamente nas proximidades do rio. Tôdas eram construídas com paredes de madeira ou de taquaruçú, na maioria recobertas com telhados de tabuinhas. Notava-se que tôdas eram habitações provisórias e, em

virtude desse fato, nelas não se verificava nenhuma preocupação no sentido de torná-las mais confortáveis.

No pôrto propriamente dito, assim como no núcleo, destacava-se a atividade da Companhia loteadora. Os melhores edifícios abrigavam a Agência e o Escritório Técnico da Companhia. Maquinários de terraplanagem eram utilizados na abertura e nivelamento dos arruamentos projetados. Veículos da Companhia, caminhões para o transporte de madeira e "jeeps" apareciam ao lado de uma ou outra casa. A Companhia possui uma serraria em Areia Branca, localizada a 8 quilômetros do núcleo e estava trabalhando no sentido de instalar uma olaria a cerca de 10 quilômetros, onde há argila melhor. Em 1953, as poucas telhas e tijolos utilizados pela firma vinham de Santo Anastácio, no Estado de São Paulo.

A Companhia loteadora era, naquela ocasião, a principal responsável pelo movimento do pôrto. Este caracterizava-se pela exportação de madeira já serrada. A administração crê que para o futuro, mesmo com a instalação de uma segunda serraria, a produção não poderá mais ser exportada pois, segundo se prevê, tudo será consumido pelo próprio núcleo nascente.

O movimento de gado, de acôrdo com as informações obtidas no local, já não mais é o mesmo do passado. Então, o gado matogrossense entrava pelo Pôrto São José para abastecer regiões do centro do Estado, por intermédio do picadão de Manuel Mendes de Camargo. Hoje em dia, o gado que entra por esse pôrto contribui para o abastecimento principalmente de Mandaguari e Londrina.

A própria área do Pôrto São José já teve criação relativamente importante. Essa atividade tem diminuído em virtude do loteamento que se processa nas terras da Companhia, o que diminui a área disponível para a criação. Nos arredores do pôrto, as pastagens são escassas e, segundo um informante da Companhia, no conjunto não ultrapassam 60 alqueires. A situação chegou a tal ponto que, em 1953, o gado consumido pelo núcleo vinha de Areia Branca, onde, além de gado de corte, havia também gado leiteiro. Praticamente, todo o abastecimento do núcleo se efetua com produtos vindos de fora. Embora existam roças de milho, feijão e arroz nos arredores, a produção agrícola não é suficiente para o consumo, sendo os habitantes obrigados a recorrer principalmente a Londrina. Note-se, de passagem, a existência de uma criação de porcos suficiente para possibilitar exportação para Pôrto Epitácio.

Em 1953, o papel geográfico de Pôrto São José não diferia muito do de seu núcleo vizinho, Pôrto Rico. Além de beneficiar-se com

a presença do rio Paraná, Pôrto São José comunica-se por intermédio de uma estrada de rodagem com os centros de Marilena, Nova Londrina e Paranavaí e, portanto, com a parte mais nova da zona pioneira do Norte do Paraná. Estava prestes a ser servido por uma rodovia estadual que, com 86 quilômetros de comprimento, deveria pô-lo em comunicação mais direta com Paranavaí.

Os responsáveis pela Companhia loteadora contam com um futuro mais brilhante para Pôrto São José, como nó de comunicações. A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí já aprovou o projeto da construção de uma ponte sobre o Paraná, na altura de Pôrto São José, para unir os sistemas rodoviários paranaense e matogrossense.

Provavelmente, o pôrto será também beneficiado pela proximidade que ficará da E.F. Sorocabana, no seu ramal que, partindo de Presidente Prudente, acompanhará o espigão da serra do Diabo em busca do "pontal" do Paranapanema e, daí, em busca da região de Dourados e Ponta Porã, em Mato Grosso. Caso essa situação se concretize, indiscutivelmente Pôrto São José tornar-se-á um dos principais núcleos do Noroeste paranaense, superando bastante os núcleos vizinhos, particularmente Pôrto Rico. Torna-se necessário ressaltar a estratégica situação do Pôrto São José, em local em que confluem os limites entre Paraná, São Paulo e Mato Grosso (18).

Em 1953, Pôrto São José estava ligado a Paranavaí (da qual dista 102 quilômetros, por rodovia), por duas "jardineiras" diárias. Isso, até certo ponto, é um atestado de que o núcleo já possui vida, embora sua população seja relativamente pequena. Realmente, até então não eram muitos os lotes vendidos na área rural, subindo aproximadamente a 100 as datas vendidas no patrimônio. O loteamento é muito recente e, com exceção de 3 famílias mais antigas, a população toda aí se estabeleceu depois do ano de 1951.

A população é constituída principalmente por brasileiros, originários, porém, de diferentes Estados do país. Dominam os nordestinos, baianos e, secundariamente, os paulistas, gauchos, catarienses e paranaenses. Não são poucos os descendentes de estrangeiros, particularmente italianos e poloneses, originários de antigas áreas coloniais do Paraná e de Santa Catarina.

(18) Pôrto São José, sob muitos aspectos assemelha-se a Pôrto Tabuado, no Estado de São Paulo. Situa-se a noroeste do Paraná, estando Pôrto Tabuado a noroeste de São Paulo. Ambos surgiram em consequência da abertura de picadões, futuras estradas boiadeiras, que punham em comunicação as áreas de criação do Estado de Mato-Grosso com as áreas de engorda de São Paulo ou Paraná. Ambos foram aglutinados pela expansão de frentes pioneiras — Alta Araraquarense, para Pôrto Tabuado, e Norte do Paraná, para Pôrto São José.

Pôrto Rico. — O pequenino núcleo de Pôrto Rico localiza-se na margem esquerda do rio Paraná, em terras paranaenses, a jusante do Pôrto São José, distante cerca de 110 quilômetros de Paranavaí (antiga "Fazenda Brasileira"). Pertence ao município de Paranavaí, comarca de Mandaguari. É patrimônio fundado por José Ebner no começo do ano de 1952. José Ebner, estabelecido em Paranavaí com uma companhia de imóveis e comércio de madeira, é suíço francês. Chegou ao Brasil há cerca de 40 anos; estabeleceu-se na região de Jacarêzinho, donde passou-se para Londrina, Maringá e, em seguida, para Paranavaí. Tem, portanto, bastante experiência em tudo quanto concerne ao aparecimento e evolução de áreas pioneiras.

Adquiriu uma gleba nas margens do Paraná, ainda virgem, sem moradores, diretamente do Governo do Estado. Loteou a terra, planejando também a criação de um patrimônio "Cidade de Pôrto Rico". Os lotes rurais possuem tamanho variado, desde 1 até 15 alqueires. Não existem maiores e, mesmo para isso solicitada, a Companhia organizada não os vende. Tendo em vista este princípio, a Companhia não vende mais de um lote a uma só pessoa. Os menores lotes, destinados a chácaras, localizam-se nos arredores do patrimônio, situado à beira rio. Os maiores, praticamente todos possuidores de aguadas, são os mais afastados.

No patrimônio (onde já haviam sido vendidas cerca de 1 000 datas em 1953), a Companhia estava construindo um hotel e pretendia construir igreja católica, tendo reservado áreas para outros cultos, assim como para construção de edifícios públicos, escolas e estabelecimentos comerciais.

Os lotes rurais vendidos ainda não eram muitos. Seus compradores e os das datas são nacionais em esmagadora maioria, procedentes dos mais diversos Estados. Aproximadamente 60% do total são representados por nordestinos. Há estrangeiros, mas particularmente seus descendentes, predominando os que descendem de italianos e poloneses. De modo geral, a população é heterogênea, como é característico das zonas pioneiras. Os nordestinos somente em parte chegam diretamente do Nordeste; a maioria provem das zonas de Mandaguari e Paranavaí, onde trabalharam algum tempo. É interessante notar que, praticamente, todos os empregados da Companhia são nordestinos. Os descendentes de italianos e poloneses, regra geral, procedem de áreas coloniais ou de antigas zonas pioneiras do próprio Estado do Paraná, mas também de Santa Catarina.

Entre os que adquiriram lotes rurais, predominam de forma significativa os que pretendem formar cafézais. Vários dos

lotes situados nos arredores de Pôrto Rico possuíam cafézais formados, com um ano de idade. De acôrdo com os habitantes do lugar, a região é favorável para a formação de cafézais; alegam que as últimas geadas (junho-julho 1953), que ocasionaram vultosos prejuízos às lavouras paranaenses e paulistas, em nada prejudicaram a região. Enquanto os caféeiros crescem, o terreno é aproveitado com roças de milho, arroz, feijão e mandioca, para a subsistência. Interessante é que tais produtos vingam todos muito bem na região; entretanto, ninguém por eles se interessa, pois todos pensam apenas no café. Para êsse fim, em Pôrto Rico já existiam cêrca de 100 lotes em que se havia efetuado a derrubada (19).

No pequenino núcleo de Pôrto Rico tudo era provisório. Na barranca do rio e proximidades dispunha-se um caótico conjunto de pequenas habitações, percebendo-se em tôdas o caráter de abrigo para pouco tempo. A maioria não passava de simples ranchos. Alguns de madeira, outros de pau-a-pique não barreado, um ou outro d'e taquaruçú, todos cobertos com telhados de tabùinhas de cedro, cuja duração é relativamente breve. Aqui e ali, apareciam ranchos de palha ou tendas de lona, onde se acomodavam os recém-chegados, à espera de instalações melhores. Em um barracão, havia o empório e o bar; em telheiro, abrigavam-se máquinas do mecânico da localidade; numa pequena varanda da casa do agente da Companhia, vendia-se carne. Sob frondosa figueira, descansava a caldeira que seria aproveitada na serraria em construção. Embora ocupado temporariamente, havia um trecho do patrimônio, próximo ao rio, que não deveria ser vendido, porque nele pretendia-se construir armazens e "empreitar" os serviços portuários.

O movimento de Pôrto Rico é relativamente grande, sendo um dos principais entre Pôrto Epitácio e Guaíra (20). Esse movimen-

(19) Para formar o cafézal, torna-se necessário derrubar a mata que é exuberante, rica em madeiras de lei. A *derrubada* é efetuada ou por conta própria, ou então por empreitada. Regra geral, o comprador do lote vende a madeira em pé a uma das três companhias madeireiras que aí já mantêm agentes; uma delas é a própria companhia loteadora. Dessa forma, o dono do lote recebe a terra com a derrubada toda efetuada, bastando queimar. Em certos casos, particularmente quando o lote é dos menores, seu proprietário cede a madeira em pé à companhia loteadora, recebendo em troca o terreno limpo e madeiras serradas para a construção da casa e demais instalações da propriedade. Para êsse fim, a companhia loteadora possui uma serraria com máquina a óleo crú, aprestando-se para instalar u'a máquina a vapor, pelo aproveitamento da caldeira de um barco em desuso. Logo depois de efetuada a derrubada, procede-se à *queimada*, preparando-se a terra para o café.

(20) O pôrto tem grande movimento de madeira em toras. No futuro, a exportação será somente de tábuas. Em 1953, em virtude desse tipo de exportação, o maior movimento era de chatas. O pôrto apresentava também um certo movimento consequente da necessidade que o núcleo possui de se abastecer fóra. O abastecimento de carne era feito provisoriamente por um criador de rio-acima (7 quilômetros), porque em Pôrto Rico ninguém se preocupava com a criação de gado. Rio-abaiço, havia uma pequena olaria, criada recentemente para fornecer telhas e tijolos ao núcleo. Pretendia-se instalar uma no próprio patrimônio.

to é possibilitado pelas vias de comunicações que servem o núcleo. Pôrto Rico está ligado a Paranavai por boa estrada, que compreende grande trecho da estrada Paranavai — Pôrto São José e cerca de 20 quilômetros construídos pela Companhia. Diariamente, duas jardineiras, nos dois sentidos, ligavam o pôrto a Paranavai. O movimento de veículos era grande, particularmente aos domingos, quando os possíveis compradores de lotes ali iam ter para verificar as vantagens do negócio a realizar. Quando estivemos em Pôrto Rico, cerca de duas dezenas de carros ali se encontravam — perúas, caminhões, "jeeps", automóveis.

III. ÁREAS DE TERRAS DEVOLUTAS

Ao norte da área de Guaira, ao longo das margens do rio, em todo o percurso da ilha de Sete Quedas e nas numerosas ilhas que se localizam entre a longa faixa de terras de Sete Quedas e as margens paranaense e matogrossense, ainda subsistem extensas áreas de terras devolutas. Em certos casos, tais terras são objeto de especulações, embora não utilizadas, e, quando isso acontece, nem sempre os que delas se dizem proprietários podem apresentar títulos de posse isentos de qualquer dúvida. São áreas que, em sua maior parte, nunca realmente foram aproveitadas. Nelas, somente em 1953, começavam a surgir os primeiros indícios de um início de povoamento. Em alguns casos, poucos, eram Companhias que conseguiram grandes áreas e pretendiam loteá-las, iniciando uma colonização. É o caso da Fazenda Caiuá, na margem matogrossense, a jusante da barra do Ivinheima. Em outros, eram grandes glebas apenas aproveitadas para extração de madeira. Num ou noutro desse tipo de propriedade, encontramos outra atividade, a exemplo da Fazenda Iporã, também na margem matogrossense, cerca de 110 quilômetros ao sul da Fazenda Caiuá, onde existem canaviais e onde se fabrica aguardente, consumida em Guaira e rio-abaixo. Entretanto, o mais comum e mais caracterizador das áreas em foco, com terras devolutas, é a presença de "posseiros".

Regra geral, o "posseiro" localiza-se em uma área devoluta através de uma pequenina "aberta". Forma-se esta com a derrubada de uma parte da mata na margem do rio, originando uma clareira, onde se localizam as primeiras instalações dos povoadores, verdadeira cabeça-de-ponte donde se inicia a ocupação das áreas próximas. As "abertas" típicas são as que, inicialmente pelo menos, dependem exclusivamente do rio, não mantendo ligações por terra com outras áreas povoadas.



N. 19 — Tôsca habitação descrita no texto. Resultado do trabalho com os recursos parco de que pôde dispor o "posseiro" que nela vive. (Foto M. T. Schorer — setembro 1953).



N. 20 — Pormenor da parede de taquaruçú da construção apresentada na fotografia anterior. (Foto P. Petrone — setembro 1953).

Para que tenhamos uma idéia de como agem os "posseiros", apresentaremos alguns dados sobre um deles, instalado numa das ilhas do Paraná, a ilha do Ferro, na "garganta do Diabo". Essa ilha está a cerca de 30 quilômetros ao norte de Guaira, a oeste da ilha de Sete Quedas, e pertence ao território de Mato-Grosso. A exemplo da maioria das ilhas do Paraná, é estreita, possuindo apenas 2 quilômetros de largura máxima, atingindo, entretanto, cerca de 21 quilômetros de comprimento. Toda a ilha, como as demais da região e mesmo as terras da margem matogrossense, é devoluta. Nela, somente nos últimos tempos tinham se estabelecido alguns moradores.

O morador com o qual entramos em contato aí se estabeleceu no ano de 1951, vindo de Baurú (Estado de São Paulo), sendo o mais antigo. É filho de italianos, mas está inteiramente acaboclado.

No espaço de tempo que já viveu na ilha, o morador realizou benfeitorias na maior área possível, com a finalidade de, em seguida, requerer a posse das terras ao Governo matogrossense. Pretende obter uma área de 4 quilômetros de "testada" para o rio (duas "testadas"), com os dois quilômetros correspondentes à largura da ilha — uma superfície de 8 000 000 de metros quadrados.

As atividades desse morador resumiram-se ao seguinte: inicialmente, efetuou uma derrubada de aproximadamente 5 000 m². Ao mesmo tempo que erguia a casa e instalações anexas, tratou de cultivar o solo. Formou um bananal, que ocupa a maior parte da superfície aberta. Nas "ruas" do bananal, cultiva arroz, feijão e milho. Em torno da casa, existem algumas laranjeiras, limoeiros e mamoeiros, assim como alguns pés de tabaco. Essas atividades têm, antes de mais nada, a finalidade de contribuir para a posse da terra. Por outro lado, possibilitam a subsistência do morador. Com esse fim, instalou também um galinheiro junto à casa. Completa os meios de subsistência, ocasionalmente, vendendo cachos de banana e galinhas ou frangos, a barcos que navegam o Paraná.

A casa foi construída em pequeno "terraço" — dique marginal — cerca de 5 metros sobre o nível da vasante, protegida das cheias que normalmente ali atingem 3 metros, excepcionalmente chegando a 4 ou 4,5 metros. A casa é de planta quadrada, suas paredes são de taquaruçús abertos longitudinalmente, o telhado é de quatro águas coberto com tabùinhas de "taricajá". Junto à casa está o galinheiro e, logo após, o paiól coberto com sapé. Frente à cosinha há um poço com, aproximadamente, 4 metros ou pouco mais de profundidade. A casa não possui janelas, mas as duas portas, ambas na cosinha, são providas de cancelas com 60 centímetros de altura. As dobradiças são de borracha de pneumático.

A armação da casa é a seguinte: as bases das paredes externas e internas são de troncos toscamente lavrados com secção quadrangular, pousando diretamente sobre o solo, porque, neste caso, é plano e seco. Nos quatro cantos, erguem-se troncos lavrados, que sustentam traves transversais sobre as quais apoia-se a armação do teto. O teto apoia-se sobre quatro principais caibros, dispostos diagonalmente em relação à planta da casa, que se inclinam a partir de um suporte central para os troncos que se elevam nos quatro cantos. Uma parede interna, que não chega até o teto, também de taquaruçú, divide a casa em duas peças, uma cozinha e um quarto. As duas peças comunicam-se por simples abertura. Na cozinha, com piso de terra, temos um fogão sobre pilares, feito de barro e para queimar lenha. Nela encontramos duas mesinhas rústicas, dois bancos de madeira e utensílios diversos: um pilão, panelas de ferro, pratos de metal, máquina de moer café utilizada para obter fubá, peneiras, máquina de moer carne, aparelho formicida. O fogão está munido de pequena chaminé de lata, que conduz a fumaça para fora. O quarto está dividido em duas partes, por tábuas. Na primeira, para a frente da casa, há uma cama de lona, de armar, protegida por um mosquitoireiro de pano. Prateleira com objetos de uso pessoal completam o quadro. Na segunda, temos uma espécie de depósito. Existem alguns sacos de mantimentos, instrumentos de trabalho (tal como foices, enxadas, etc.) Em todas as peças, suspensos pelas traves do teto, temos varais de bambú que sustentam utensílios diversos (anzóis, principalmente).

Pelo que vimos, verifica-se que o "posseiro" procura utilizar a terra de modo a obter quanto necessita para o consumo, procurando, ao mesmo tempo, efetuar o máximo de benfeitorias para garantir sua posse. Aliás, o "posseiro" de que tratamos, ainda não possuindo a propriedade da terra, já pensou em vendê-la, naturalmente confundindo a propriedade com o direito de possível posse, conseqüente às benfeitorias efetuadas.

IV. CONCLUSÕES

Do quanto tivemos oportunidade de observar no percurso Pôrto Epitácio-Guaíra (apesar do irrisório tempo de que dispuzémos) é possível concluir que todas as áreas marginais da secção do rio percorrida constituem uma *região nova*, parcialmente em fase de início de utilização em caráter permanente.

Nessa fase de povoamento (1953), dominava ainda o que é efetuado através de uma *orientação transversal* ao rio. Eram

“cunhas”, pontas-de-lança ou frentes de um povoamento que se expandia por intermédio de vias de penetração que cruzam ou apenas atingem o rio. Achavam-se neste caso as áreas de Pôrto Epitácio, Pôrto 15 de Novembro, Pôrto São José, Pôrto Rico e, até certo ponto, mesmo a de Guaira. Naquele ano, assistimos a uma gradual e lenta transformação no referente ao aspecto citado. A orientação transversal vem sendo substituída por uma *orientação longitudinal*, possibilitada particularmente pela efetiva utilização das terras ao longo do rio, quer através da abertura de fazendas, quer através da criação de núcleos do tipo de Pôrto Rico, quer pela contínua penetração de “posseiros”. A diminuição dos intervalos entre as áreas habitadas e utilizadas ao longo do rio exercia ação preponderante nesse sentido.

É natural que o sentido longitudinal do povoamento ao longo do Paraná, hierarquicamente, ainda aparecesse subordinado ao transversal, dado que, nessas áreas, todo o povoamento se fez, não a partir de um ponto qualquer do rio, mas, sim, como decorrência do desenvolvimento de regiões dele distantes, quer sejam paulistas, paranaenses ou matogrossenses. De qualquer forma, convém frisar mais uma vez que a substituição apenas estava sendo iniciada, em 1953.

As considerações acima nos auxiliam a compreender um outro fato: a *importância relativamente pequena* que o rio Paraná teve e, em parte, ainda tem no povoamento de suas áreas marginais. Já no passado, quando na Bacia Platina dominaram as “cunhas” de povoamento (melhor diríamos, de penetração), no sentido sudeste-noroeste, a importância do trecho considerado do rio foi secundária. Nos últimos decênios, esse trecho teve uma função irrisória, já que sua orientação norte-sul opõe-se à orientação geral leste-oeste das correntes de povoamento que, do litoral, buscam o interior. Está claro que, com o passar do tempo, o rio Paraná, a montante das Sete Quedas, tornar-se-á um dos principais eixos da região, fato que, naturalmente, está na dependência do desbravamento e utilização das suas áreas marginais. Torna-se evidente que isso somente será possível quando tais regiões forem povoadas, não de forma a criar um apêndice econômico das áreas orientais de São Paulo e Paraná, mas, sim, desde o momento em que conseguirem, por meio de lenta mas sólida utilização do solo, estruturar-se em uma unidade econômica.

Como natural consequência da orientação transversal que domina o povoamento da região, surgem pequeninos *núcleos*, como Pôrto 15 de Novembro, Pôrto São José e outros, que passam a balizar o povoamento. Cada um desses núcleos, ponto terminal no

Paraná de uma área de povoamento recente (dêsse rio distanciada), exerce, em suas margens, o papel de cristizador demográfico e econômico, centro regional embrionário, no momento aliando a êsse o papel de elo de ligação entre uma secção do rio e as áreas afastadas que os originaram. São típicos os casos de Pôrto 15 ou Pôrto São José, respectivamente com relação às zonas pioneiras de Dourados e Norte do Paraná. Constituí uma exceção o conjunto Pôrto Epitácio — Pôrto Tibiriçá, cuja ação se faz sentir, embora bastante atenuada, até Guaira (21). Essa situação, sob certos aspectos, estava sofrendo algumas modificações dado o caráter especial de que se revestem as áreas dos pontos Rico e São José e, especialmente, devido à ação dos "posseiros".

Um fato, que nos chamou a atenção em todo o trecho percorrido, foi a frequência com que apareciam, no seio da população, os *elementos nordestinos*. Era o nordestino que se estabelecia no Pôrto 15 ou por aí passava em direção a Dourados; era êle que dominava entre os habitantes de Pôrto Rico, Pôrto São José ou entre os trabalhadores das grandes fazendas da margem paulista; o nordestino aparecia predominando entre os funcionários do S.N. B.P., ou surgindo como "posseiro", como tripulante de barcos que navegam regularmente pelo rio ou como pescador profissional. Concluimos, portanto, que o nordestino constituía, então, o elemento predominante no efetivo humano que, naquele ano, efetuava a penetração nas áreas marginais ao rio Paraná. É interessante notar que (como já tivemos ocasião de lembrar) o nordestino está substituindo o elemento paraguaio como elemento de penetração. O *paraguaio*, que ainda constituía boa percentagem da população de Guaira e arredores, continuava a aparecer em toda a secção do rio que nos interessou; entretanto, sua importância relativa decrescia dia a dia. Sugestivo, sem dúvida alguma, o fato de haver sido a região penetrada por dois grupos a ela estranhos, embora ambos caracterizem-se por apresentar baixo nível de vida e por fugirem a áreas que, desfavorecidas, por qualquer motivo, lhes são madrastras.

A presença dos dois grupos acarretava consequências interessantes, tais como a de encontramos *casas* com paredes de taquarugú, de influência paraguaia, ou casas que bem poderiam estar nos arredores de Campina Grande (Paraíba) ou do Crato (Ceará); ao lado do indivíduo de inconfundível linguajar nordestino, não

(21) A importância dêsse conjunto somente se fez sentir a partir da chegada dos trilhos da "Sorocabana". — Com isso, a própria "Mate Laranjeira" passou a se abastecer via São Paulo, embora continuasse exportando para Buenos-Aires. —

era raro encontrarmos o de sotaque castelhano e que frequentemente demonstrava conhecer a língua guaraní:

Em toda a área percorrida notava-se que, pelo menos embrionariamente, já existia um processo de povoamento em andamento que não tardaria a se caracterizar por uma verdadeira febre de desbravamento. Tôdas as pessoas com as quais conversamos chegavam a se ufanar, sem que isso tenha muito sentido, da rapidez com que esta ou aquela região estava se povoando; tôdas lembravam melhorias que estavam sendo ou iam ser introduzidas, quer por iniciativa particular, quer por iniciativa da administração pública. Exemplificam bem êsse estado de espírito casos como o de Pôrto São José, à espera de rodovias, da ferrovia e, como lembramos, da construção de uma ponte sôbre o rio Paraná.

De acôrdo com o professor João Dias da Silveira (de cujas idéias tomamos conhecimento oralmente), o quadro que está se esboçando no vale do Paraná deve ser encarado com pessimismo, desde que não reflete as consequências de uma normal utilização do solo. Não cabe a nós, pelo menos no momento, discutir o assunto. Todavia, não é inútil frizar, entre os característicos do povoamento dessa área, pelo menos os seguintes:

1.º — O povoamento do vale do Paraná, com algumas exceções, não está sendo efetuado por contiguidade a outras áreas já povoadas e razoavelmente explotadas. Enquadra-se, como em tantos outros casos, entre os processos que contribuíram para criar "ilhas" demográficas e econômicas no território brasileiro.

2.º — Em determinados casos, como os de Pôrto Rico, Pôrto São José, muitas fazendas e loteamentos, é um povoamento dirigido para beneficiar a especulação imobiliária; os interêsses dos grandes proprietários de terras, à espera de valorização, são favorecidos pela ilusória prosperidade que caracteriza geralmente os primeiros lustros de vida das regiões novas e que atrai inúmeros elementos levados pela ambição de enriquecimento rápido ou desesperançados de conseguir uma existência melhor nas áreas desfavorecidas que habitam.

3.º — A ocupação e utilização do vale do Paraná é efetuada em prejuízo de outras áreas (o povoador é o nordestino ou outro elemento, que deixa sua terra de origem). A população que procura o vale do Paraná não é, na maioria dos casos, resultado do excesso demográfico natural da área de origem e que, por isso mesmo, condiciona uma expansão das áreas povoadas. Áreas povoadas, como o vale do Paraná, implicam quase sempre no parcial despovoamento de outras regiões.

4.^o — O povoamento do vale do Paraná está sendo efetuado na base de uma exploração, que repete os vícios reconhecidamente perniciosos, que prevaleceram em outras regiões. Uma desenfreada destruição da mata antecede a formação de extensas, monótonas e relativamente pobres pastagens. Quando o quadro não é esse, domina a obsessão pelo café, conforme foi visto para Pôrto Rico. Casos, como o citado para Pôrto 15, em cujas vizinhanças esboça-se uma atividade agrícola mais importante, são raros.

5.^o — Na melhor das hipóteses, mesmo que no vale do Paraná tivéssemos a formação de uma área economicamente útil, com a presença de uma policultura, sempre restaria a falha de estar muito distanciado dos principais mercados consumidores. Essa falha, evidentemente, é maior com o quadro que, na realidade, se prenuncia, dado que, com sua economia baseada na extração de madeira, na criação de gado, na cultura cafeeira ou qualquer outra monocultura, a região, logicamente, disporá de um mercado consumidor irrisório, donde terá que depender totalmente da fachada atlântica de São Paulo e do Paraná.

6.^o — Da situação exposta decorrem problemas relativos, principalmente, aos transportes, quer para o escoamento da produção regional, quer para atender às suas solicitações de produtos industriais e, mesmo, agrícolas, para o próprio consumo. Os meios de transporte (que já devem atender a distâncias que incluem percursos em áreas economicamente inúteis) contribuem para aumentar, extraordinariamente, o custo do produto, daí contribuindo, também, necessariamente, para o aumento do custo de vida.

7.^o — Torna-se evidente que, situações como a apontada, originam problemas os mais complexos, que dificultam e tornam praticamente impossível a ação da administração.

Naturalmente, à situação que expuzemos, poder-se-á contrapor outra sequência de idéias mais favoráveis, que figuram no próprio texto deste Relatório. A questão é delicada e, por este motivo, consideradas as circunstâncias da presente pesquisa, não nos atreveremos a concluir definitivamente; contentámo-nos em apontar o problema.

São Paulo, novembro de 1953.